



A ESCRITA MIGRANTE DA HAITIANA MARIE CÉLIE AGNANT E DA URUGUAIA CRISTINA CABRAL

Ana Beatriz R. Gonçalves
Universidade Federal de Juiz de Fora
Apoio FAPEMIG

Antonio Cornejo Polar em um artigo titulado “Uma heterogeneidade não dialética: sujeito e discurso migrantes no Peru Moderno” (2000) traça algumas considerações que nos são pertinentes para pensar o discurso migrante de Marie-Célie Agnant e Cristina Cabral. Cristina Rodríguez Cabral nasceu em Montevideo, Uruguai, em 1959. Em 1998 se muda aos Estados Unidos, onde mora até o presente. Seu único livro de poemas, *Memória & Resistência*, foi publicado em Santo Domingo, na República Dominicana pela Editora Manatí em 2004. Nascida em Port-au-Prince, Haiti, em 1953, Marie-Célie Agnant vive no Quebec desde 1970. Sua carreira literária inclui poesia, contos, romances. Seus textos já foram traduzidos a vários idiomas, tais como inglês, espanhol, italiano, coreano. Como “escritoras migrantes”, têm seus textos marcados pela experiência do exílio, pelo desejo de narrar o itinerário de perdas e danos que as levaram a deixar para trás seus países de origem, sua língua, sua cultura, e suas histórias.

Segundo o autor, “os conteúdos de multiplicidade, instabilidade e deslocamento” (2000, p.301) estão implícitos nesse discurso e, também de grande importância é a “sua indispensável referência a uma dispersa variedade de espaços socioculturais que tanto se espalham quanto se articulam através da própria migração” (2000, p.301). Para Cornejo Polar, “a consciência do migrante está mais atenta à fixação de suas experiências distintas e contrárias que à formulação de uma síntese globalizadora” (2000, p.303), já que “não há melhor discurso sobre a identidade do que aquele que se enraíza na incessante (e inevitável) transformação” (2000, p.304).

O discurso migrante é radicalmente descentrado, construído de maneira incompatível e contraditória, “não tenciona sintetizar num espaço de resolução harmônica” (2000, p.304). De acordo com Cornejo Polar o discurso migrante celebra a desterritorialização, já que “o deslocamento migratório duplica (ou mais) o território do sujeito e lhe oferece a oportunidade de falar a partir de mais de um lugar” (2000, p.304).

Janet Paterson propõe que “um pensamento verdadeiramente migrante reconsidera o processo de semantização das diferenças, pois é incontestavelmente na diferença aceita, respeitada e não semantizada que reside a esperança de novas configurações e relações identitárias.” (2007, p.17) A noção de pertencer é desse modo questionada uma vez que “em alguns textos consagrados à



escritura migrante, desenha-se um paradigma temático que reúne os seguintes topoi: o exílio, o sentimento de ser estrangeiro (“eu sou o outro”), o entre-dois (espacial, temporal e identitário), o no man’s land e a melancolia” (2007, p.18)

O conceito de lugar é uma construção cultural, ou seja, historicamente coincide com o ato de residir, de viver nesse lugar. Nas sociedades contemporâneas percebe-se uma necessidade de repensar essa noção, já que o fenômeno de migração massiva, de deslocamento de populações que, por distintas razões deixam seus lugares de origem para instalar-se em outros locais implicam outras produções, outros sentidos, ou seja, percepções distintas de lugar, que ocorrem a partir de um ponto de vista do “deslocado”.

Para melhor entendermos a noção de lugar, algumas considerações são imprescindíveis. Valemos-nos aqui das observações de Theano Terkenli (1995), quem afirma que “lugar é um termo simbólico multidimensional e profundo que não pode ser mapeado como um conceito exclusivamente espacial, mas pode ser percebido como um aspecto do território emocional humano” (1995, p.327)¹. Por esse motivo, ainda segundo o autor, “as regiões individuais de lugar são constantemente construídas e desconstruídas” (1995, p.327)². Lugar é também uma expressão da identidade pessoal ou de um grupo demonstrando, assim uma necessidade de um ponto de referência, de identificação do EU o de um grupo com esse espaço (aqui em um sentido amplo). Por isso mesmo, as geografias do lugar estão intimamente relacionadas aos modos de interação com esse lugar. Dessa noção (de relação e interação com o lugar) surge a importância do tempo histórico, a criação de um lugar coletivo na forma de um passado e uma origem comuns, característica muito presente nos escritores diaspóricos já que a necessidade de reviver / recontar / visitar a História é um elemento essencial na transformação de um espaço qualquer em lugar. O componente social é outro aspecto fundamental na relação que se tem com o lugar. Ou seja, o lugar é símbolo do EU sujeito e da cultura a qual pertence.

O conceito de lugar está relacionado a outro conceito fundamental, o de não-lugar, de não pertencimento. A perspectiva do não-lugar muda a experiência do lugar porque transforma o olhar. Trata-se então de um processo contínuo entre lugar e não-lugar, já que aspectos do não-lugar são incorporados ao lugar, gerando novos olhares.

A noção de lugar é fundamental para pensar a produção dos escritores diaspóricos por que é partir da re-escritura do lugar que as identidades diaspóricas se articulam. Quanto a isso, Wendy

¹ No original: “Home is a multidimensional and profoundly symbolic term that cannot be mapped as an exclusively spatial concept, but it can be depicted as one aspect of human emotional territory.”

² No original: “Individual regions of home are constantly being constructed and deconstructed.”



Walters (2005) propõe que os escritores diaspóricos se valem de suas narrativas para construir nações alternativas. Sugere, também, que o deslocamento cria uma distância que permite os escritores codificarem e criticarem suas pátrias. É esse espaço contraditório que a autora chama de “espaço diaspórico”. Ou seja, maneiras de definir e desejar os espaços do lugar. Para Stuart Hall a noção de lugar (homeland) é “uma fonte infinita de desejo, memória, mito, busca, descoberta que alimenta a máquina da nostalgia e da fetichização”³ (2003, p.346). É o que ele chama de “estética diaspórica”, de adaptações aos espaços híbridos e muitas vezes contraditórios.

Hall também observa que os escritores da diáspora “têm mantido vivo no exílio um forte senso do que é ‘a terra de origem’”.(2003, p.27) Mas, se por um lado, a terra torna-se, de certa forma, irreconhecível, já que os elos naturais e espontâneos que antes possuíam são interrompidos por suas experiências diaspóricas, por outro, há a tentativa de preservação de uma identidade cultural, de uma sensação de pertencimento a algum lugar. Essa é a sensação familiar e profundamente moderna de des-locamento (2003, p.27)

Edward Said em suas “Reflexões sobre o exílio” nos diz que

o exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de ter essa experiência. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (2001, p.46).

Escrever se transforma, então, em um ato de resistência; a escrita é vista como uma ferramenta de afirmação, como uma estratégia para resistir à vida que lhes é de certa maneira imposta.

As estratégias utilizadas pelas escritoras da diáspora nos levam ao que Carole Boyce-Davies chama de subjetividade autobiográfica (autobiographical subjectivity). Para ela, “a subjetividade autobiográfica da Mulher Negra é uma das maneiras nas quais a fala é articulada e a geografia redefinida”⁴ (1994, p.21). Deste modo, ainda segundo a autora, “a re-escritura do lugar de origem se torna um ponto de união crucial na articulação de identidade. É um jogo de resistência à dominação que identifica de onde viemos, mas também localiza o lugar de origem em suas muitas experiências transgressivas” (1994, p.115)⁵ Lar é local de onde viemos, onde pertencemos, mas

³ No original: “an infinitely source of desire, memory, myth, search, discovery that fuels the engine of nostalgia and fetishization”

⁴ No original: “the autobiographical subjectivity of Black Women is one of the ways in which speech is articulated and geography redefined.” (p. 21).

⁵ No original: “the rewriting of home becomes a critical link in the articulation of identity. It is a play of resistance to domination which identifies where we come from, but also locates home in its many transgressive and disjunctive experiences”. (p.115)



também o local que nos isola/discrimina e que nos expulsa, de certa maneira. Assim, a migração cria o desejo pelo lugar de origem, o qual produz a reescrita desse lugar. Saudade ou abandono, a rejeição ao lugar de origem ou o desejo por esse lugar se tornam os fatores que motivam essa reescrita. Por ser um espaço contraditório, a representação se dá de diversas maneiras: rejeição e saudade são lugares-comuns na escrita das mulheres da diáspora.

Observemos alguns poemas selecionados da uruguaia Cristina Cabral. “Monte-vi-deo”, é um exemplo dessa relação problemática, de resistência e libertação, de buscar um lugar e ser rejeitado. Nos primeiros quatro versos observamos a cumplicidade da voz poética com a sua cidade natal, o que significa que Montevideo é o seu lugar. Entretanto, a partir do quinto verso, percebemos que essa mesma cidade a rejeita por meio de uma prática antiga, demonstrada pelo uso do adjetivo tradicional e a condena ao exílio. O uso do verbo condenar implica que se trata de um exílio não voluntário.

Ciudad que me ha visto nacer, crecer
amar, sufrir
morir
y hasta resucitar
hoy me mira con ojos extraños
me señala su tradicional
dedo crítico
y me condena al exilio.

Marvin Lewis afirma que

“Monte-vi-deo é um poema de rejeição de uma perspectiva de um sujeito negro alienado. A pergunta implícita é, ‘Por que nós, se fomos uma parte integral do seu ser?’ mas o isolamento, o exílio interno, as atrocidades do passado não são suficientes para impedir a protagonista de resistir a marginalização. Monte-vi-deo é um poema de isolamento social e espiritual. A voz poética se vê orfã numa sociedade insensível que não percebe valores positivos na existência do Afro-uruguaio” (2003, p.99)⁶

A mesma temática está presente em “Rutina Montevideana”, onde observamos mais uma vez essa sensação de deslocamento, resultado da privação que sofre o eu-lírico: “marcha lenta de la ciudad mía, / donde vivo / y donde me privan”. Apesar de se considerar parte desse lugar – “ciudad mia”, se sente excluída do mesmo

Assim, Montevideo deixa de ser lugar para transformar-se em espaço, já que apesar de suas tentativas de ser parte dessa cidade, é excluída pela mesma.

Mesmo assim, apesar de ser excluída, observamos no poema “Crepúsculo en la rambla” o desejo explícito do eu – lírico de aproximar-se da cidade, ou seja, de que Montevideo seja o seu

⁶ No original: “Monte-vi-deo is a poem of rejection from the perspective of an alienated black subject. The implicit question is, “Why us, if we have been such an integral part of your being?” but the isolation, the inner exile, the past atrocities are not enough to impede the protagonist from resisting marginalization. Monte-vi-deo is a poem of social and spiritual isolation. The poetic voice views itself as an orphan in an insensitive society that sees no positive value in the existence of Afro-Uruguayans”. (p. 99)



“lugar”, não o lugar que a expulsa: “Montevideo.../Tiempo esperado aguardando tu canción,/ tus pasos dirigidos hacia mi” (Montevideo.../Tempo esperado aguardando tua canção / teus passos dirigidos a mim)

Entretanto, e devido aos processos de deslocamento dentro do que seria seu lugar, verificamos ao mesmo tempo a necessidade de reconstruir esse “lugar” em outro espaço:

Sin embargo, siento la sal de otros dedos
en mi piel,
mezclándose entre mis deseos,
y penetrándome desafortunadamente.

Interessante observar a mudança no olhar da poetisa uma vez que deixa seu país, para assumir mais uma vez a condição diaspórica. Montevideo passa, então, a ser o local desejado.

Em “Montevideo, la Navidad que no pudo ser”, o poema inicia ressaltando a condição diaspórica constante, referindo-se, obviamente, à diáspora negra. A voz-poética fala por todos os sujeitos deslocados, excluídos e marginalizados socialmente, colocando em evidência certas práticas de seu país:

Diáspora de destierros,
constante a lo largo de mi vida
y la de mi pueblo,
de mis sueños
y de lo cotidiano.

Mesmo assim, a condição de exilada leva o eu-lírico passa a desejar essa mesma cidade que a havia expulsado, numa tentativa de recuperar o seu lugar:

Mi corazón diaspórico
me llevan a tí,
me devuelven a tus patios,
me hacen recorrer
desde aquí.

É evidente que, apesar de seu exílio imposto, a voz poética sente que Montevideo é o seu lugar. A escolha do verbo devolver e a ato de recorrer a cidade mesmo distante explicitam o deslocamento do sujeito.

A busca de um lugar faz com que o Brasil, especialmente a Bahia, se transforme em lugar utópico com o qual o eu-lírico se relaciona. Tal relação pode ser observada no poema “Saudades do jeito da minha gente”, poema escrito em português demonstrando a cumplicidade que sente com a Bahia.

Eu sei que minha volta é certa.
Sei também que tudo está voltando
outra vez. Minha intuição,
essa paixão pela vida,
a confiança que tem quem



sabe e pode (*sic*)faze-lo novamente
felizmente,
está falando pra mim.

Mas porra, que difícil é ficar fora de você,
é viver longe de você,
é amar e tentar sorrir
sem você.

Salve Rainha, salve Nossa Senhora,
salve a Bahia sempre tão dentro de mim,
agora ainda mais forte. (169/170)

Para a poetisa, outra maneira de estabelecer seu “lugar” foi por meio do contato com os Orixás, que ocorreu durante suas várias viagens ao Brasil. Desde então, o panteão afro-bahiano está presente na sua poesia, sempre relacionados à tentativa de estabelecer uma identidade diaspórica.

Passemos a haitiana Marie-Célie Agnant. No poema “Incandescences” (a ces lieux de mon enfance...) a voz poética se coloca numa posição de observadora. O Haiti não é o lar, e sim o lugar lembrado de sua infância.

Dans le couloirs de ma mémoire
trimbale
ce ballot de souvenirs cassés
daïva
receleur
tour à tour
au gré des jours
un homme affamé.
se mue en taureau
hanches en cadence
au rythme de la rage
pieds confondus avec l’asphalte
souvenirs

dans le couloirs de ma mémoire
les souvenirs abrupts
désespérances
inconfortables
vertiges
cortège de momies
symphonie d’angoisses
baignés de sueurs
et de boues

A representação do lar pode ser um processo doloroso, e no caso de Marie-Célie, a dor é representada por meio da lembrança da miséria, da fome, ainda que disfarçada numa festa. Suas memórias são brutas justamente porque é a pobreza que vem à mente. Na primeira estrofe, um carnaval, um homem faminto fantasiado de touro, dançando ao ritmo da agonia. É um homem negro, descalço: “pés confundidos com o asfalto”. Já na segunda estrofe, desespero, vertigios



desconfortáveis, as pessoas são múmias cobertas de suor e lama. Festa e fome, prazer e desespero – tais são as imagens que o eu-poético traz do Haiti.

Esse mesmo sentimento de aversão se repete em “La Gésine” (34), o parto. Nesse ato estritamente feminino, a voz poética dessa mulher sente a necessidade de “parir palavras” que se refiram a sua pátria. Mas o país é gangrenado, pequeno demais para seu ódio, sua voz é um estilete, que corta, fere. É, então, um parto doloroso, problemático, quase que um aborto, eu diria.

ce pays gangrené
trop petit pour ma haine
ma voix est un surin (macieira nova)
ma voix est un stilet

Em ambos os poemas observamos a relação problemática que a poetisa tem com seu país de origem.

Relembrar / re-escrever a pátria significa relembrar, também, as pessoas que passaram por sua vida. Tal é o caso de “Mimose” (43), um poema no qual o eu-poético se refere a uma amiga de infância, perdida ao longo do tempo:

J'avais une amie
Une soeur
Une compagne
On s'était rencontrés sans témoins

Não só o tempo, mas o exílio leva à separação e a perdas. A voz poética se sente atacada, já que foi arrastada para o exílio e, com isso, suas raízes são perdidas. Estrangeira em terra estranha, forçada a falar com outras palavras, a aprender “outra língua”. Nesse ponto do poema, o sentimento de deslocamento se intensifica, já que o francês é sua língua materna e é uma das línguas do Quebec. É a sensação de não-pertencer a esse lugar.

Les bourrasques m'ont trainée
Sur les rives de l'exil
Effiloché mes racines
Des cheveux blancs et drus sur ma vie
Ont germé
J'ai appris à parler avec d'autres mots

Mas o poema termina de uma maneira otimista. Na esperança de reencontrar sua amiga, de voltar à pátria, a voz poética se pronuncia.

J'ai perdu ma camarade
Il me reste l'espoir
De ce printemps
Où il faudra
Sur la place publique juger
Les fossoyeurs de notre enfance
Parmi la foule
Peut-être - talvez
Elle sera là



On se tendra la main.

Esperança que renasce na primavera, reencontro que significa uma catarsis para a poeta. Momento no qual ela poderá reconectar-se com sua pátria que de certo modo a expulsara. Assim, a amiga representa, também, o Haiti.

Para Marie-Célie, o exílio leva a uma perda de identidade, ao não reconhecimento de nós mesmos. Essa experiência é problematizada no poema “Vade Mecum” (64) – e. *Vade Mecum* é uma expressão latina que significa "anda comigo" ou "vai comigo". Nos primeiros versos a voz poética canta as ausências do novo país apesar das tentativas frustradas de adaptação, a sensação de prisão, e, sobretudo, a rejeição por parte dos outros

Je veux dire ces pays
D’interminables absences
À pas de loups j’ai semé mes geôliers mais là-bas
D’autres m’ont dit:
“si tu n’es pas content
Retourne chez toi”

Mas a volta é impossível, já que ela já não conhece o caminho: “Je ne sais plus trouver le chemin de chez moi” (já não sei encontrar o caminho de minha casa)

E o exílio rasga a alma, transformando-a em uma onda que vai e vem, dispersada no mundo:

Cette déchirure d’exil – este rasgão do exílio

Avec les annés
Je ne suis même plus celle-ci
Celle-là
Celle d’à côté
Je suis devenue
La vague
À conjurer
La horde
À disperser

São imagens fortes do exílio, da perda quase que total de identidade, da sensação de não-pertencer.

A sensação de deslocamento é uma característica comum nas literaturas da diáspora, geralmente relacionada à alienação física de grandes populações, à escravidão, à imposição da língua colonial. Assim, tanto para Cristina Cabral como para Marie-Célie, podemos afirmar que se trata de “vários deslocamentos”: por sua dupla diáspora, heranças da escravidão e o exílio nos Estados Unidos, no caso de Cristina Cabral e no Canadá, no caso de Marie-Célie (exílio, neste contexto, se refere à mudança voluntária), e, também sentirem-se deslocadas por se tratar de mulheres negras, o que implica ter que lidar com o mundo masculino. Como resultado, a necessidade de se afirmarem como mulheres diaspóricas.



Para concluir, cito Trinh Minh-ha, em suas considerações sobre a escrita feminina. Ela afirma que: “como um ponto focal de consciência cultural e mudança social, a escrita traduz as relações complexas das problemáticas raciais e de gênero cultural e a prática literária é o lugar onde a alienação social se frustra segundo o contexto específico”. O ponto de partida é um estágio que possibilita pensar na diferença não como geradora de conflito, mas como uma “arma de criatividade para questionar múltiplas formas de repressão e domínio”⁷ (1989, p.24). É um modo de reinventar o mundo, de encontrar seu lugar.

Marie-Célie reinventa seu mundo através da escrita, como observamos no poema “Balafres” (Cicatrizes), que também dá título ao livro.

Sur les rides du monde
Pour conjurer l’oubli
Je veux écrire
Un long poème
Les ongles plantés dans l’écorce de la terre
Au creux du mensonge
Je veux écrire
Des phrases-témoins
Sur tous les silences complices
Je veux ma plume
Torrent cavalcade
Je veux ma plume
Ciseaux
Je veux ma plume
Et réinventer ta vérité
Ô Monde

Já para Cristina, falar de memória e resistência “es parte de mi vida y de la historia de millones de mujeres em el mundo guerreando de diferentes maneras durante siglos” (13).

Referências bibliográficas:

- AGNANT, Marie-Célie. *Balafres*. Collection Voix du Sud. Monreal: lês Editions du CIDIHCA, 1994.
- BOYCE-DAVIES, Carole. *Black, Women, Writing, and Identity*. Migrations of the subject. New York & London: Routledge, 1994.
- CABRAL, Cristina. *Memória & Resistência*. Santo Domingo: Editora Manatí, 2004.
- CORNEJO POLAR, Antonio. *O condor voa*. Literatura e cultura latino-americanas. Org. Mario J. Valdés. Trad. Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO/BR, 2003.

⁷ No original: “a tool of creativity to question multiple forms of repression and dominance”



LEWIS, Marvin. *Afro-Uruguayan Literature Post-Colonial Perspective*. London: Associated University Press, 2003.

MINH-HA, Trinh. *Woman, Native, Other: Writing Postcoloniality and Feminism*. Indiana: Indiana University Press, 1989.

PATERSON, Janet M. “Diferença e alteridade: questões de identidade e de ética no texto literário”. In: *Figurações da Alteridade*. Org. FIGUEIREDO, Eurídice e PORTO, Maria Bernadette Velloso. Niterói, EdUFF, 2007.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o Exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TERKENLI, Theano S. “Home as a region”. *Geographical Review*, vol. 85, nº 3, p. 324-334, julho 1995.

WALTERS, Wendy. *At home in diaspora*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2005.